



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

6491 - Trabalho Completo - XXV EPEN - Reunião Científica Regional Nordeste da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (2020)

ISSN: 2595-7945

GT03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

A EDUCAÇÃO E A RODA DE COLABORAÇÃO: PROCESSOS FORMATIVOS E EXPERIÊNCIAS DE PUTAS MÃES

Fernanda Priscila Alves da Silva - UNEB - Universidade do Estado da Bahia

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado de uma pesquisa iniciada em Salvador (Bahia) nos anos 2016 e se aproxima das histórias de mulheres que exercem a prostituição. Especificamente, o estudo, ora apresentado, é uma análise de dados parciais da pesquisa e que trata da história de 06 mulheres e 04 filhos (as) de prostitutas. As análises das narrativas condensam histórias de cuidado, educação e socialização, mapeando concretamente as histórias dessas famílias caracterizadas pelo desafio de estar na *batalha* nas ruas e praças do Centro Histórico de Salvador.

Em termos epistemológicos e metodológicos, adotamos uma postura interdisciplinar e feminista, amparada numa perspectiva etnográfica, com acompanhamento e permanência no campo entre as interlocutoras. A fim de analisar os desafios familiares enfrentados por prostitutas, utilizamos ainda, como instrumento metodológico, as *histórias de família*, a partir da perspectiva de Pina Cabral (2005). As “histórias de família” é uma metodologia de contextualização social de pessoas que habitam e convivem em Centros urbanos. Do ponto de vista metodológico temos, então, as histórias de família e a etnografia e como modelo de análise adotamos a etnografia, as teorias feministas e os estudos de gênero. Trata-se de um estudo cujo objeto é o cuidado, as tramas educativas e o a socialização que são narradas a partir das autobiografias e histórias destas famílias.

As categorias deste estudo trazem questões complexas e dinâmicas sendo debatidas de diferentes modos e em distintos campos. Cada uma delas pode ser pesquisada e trabalhada desde um campo específico refletindo e possibilitando a discussão de uma variedade infinita de realidades. Nesta pesquisa, entretanto, se pretende, compreender cada uma especificamente e relacioná-la umas com as outras pretendendo no entrelaçamento de seus pontos de convergência e divergência se aproximar da questão aqui proposta, ou seja, compreender como tem sido as práticas e dinâmicas socializadoras (educação e cuidado) dos filhos e filhas de mulheres que exercem a prostituição.

Na perspectiva de Piscitelli (2005), a prostituição envolve uma diversidade de trabalhos sexuais, assim, as definições e correntes que têm buscado conceitua-la têm contribuído pouco para pensar os diversos tipos de relações e inserção que a compõem.

Existe, portanto, um jogo de oferta e demanda de sexo e sensualidade que perpassado pela mercantilização, não necessariamente assume a “forma de contrato explícito de intercâmbio entre sexo e dinheiro” (p.08).

Segundo Olivar (2010), para além do trabalho/comércio, a prostituição teria que ser compreendida como “corpo e espaço de experiência”, ou seja, espaço privilegiado de existência. Desse modo, os processos de inserção, permanência, deslocamentos, socialização e educação (construção de saberes) vivenciados pelas mulheres nesta prática as constituíram como sujeitos e mulheres em toda sua integralidade. Assim, “estar na rua”, por exemplo, “produz corpos com saberes e sensibilidades diferenciais” (OLIVAR, 2010, p. 189). Neste lócus, as mulheres constroem a si mesmas, estabelecem sentidos e modos de vida, gestam relações (familiares, sociais, culturais), garantem sua sustentabilidade e de seus familiares, fazem-se e se constituem sujeitos e agentes de suas histórias.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho se circunscreve no campo de estudos em educação, e dialoga com outros referenciais teóricos da Sociologia, da Antropologia e da Psicologia. Tais referenciais favorecem a compreensão da como um processo de socialização e cuidado que permite às pessoas tornarem-se e constituírem-se sujeitos, em um movimento dialético e dialógico, onde a relação entre as pessoas, no processo de cuidado, educar-se e socializar-se é sempre uma relação entre outros, entre mãe/pai (cuidadores) e filhos (as), educador(a) e educandos(as), entre as pessoas e o mundo que o cerca. Favorecem, ainda, uma melhor fundamentação da temática da socialização, família e prostituição, além de contribuir para compreensões sobre cuidado e infância, entendendo o cuidado como a construção de projetos de pessoa (BUSTAMANTE, 2009) que se visualizam nas práticas cotidianas, entremeio às relações entre os sujeitos.

As categorias deste estudo: cuidado, educação, socialização e famílias de prostitutas, trazem questões complexas e dinâmicas sendo debatidas de diferentes modos e em distintos campos. Elas podem ser pesquisadas e trabalhadas desde sua especificidade refletindo e possibilitando a discussão de uma variedade infinita de realidades. Entretanto, pretende-se compreender cada uma especificamente e relacioná-la umas com as outras, olhando para os possíveis entrelaçamentos de seus pontos de convergência e divergência.

Do ponto de vista metodológico, trata-se de um estudo empírico, de cunho exploratório, cujo universo de participantes envolve trabalhadoras sexuais, suas famílias considerando os processos de cuidado, socialização e educação de crianças, filhos e filhas destas trabalhadoras. As interlocutoras residem em Salvador/ BA e Nordeste Brasileiro. O grupo pesquisado é composto de mulheres de baixa renda, em exercício de prostituição, acima dos 18 anos, além de um grupo mais amplo que consiste do grupo que compõem os familiares e rede apoio e cuidado das crianças e socialização e educação dos filhos e filhas.

A pesquisa realizou-se por meio de visitas a locais onde as mulheres da *batalha* se encontram: praça, rua, bares, unidades domiciliares com o objetivo de conhecer as redes de relações e apoio onde elas exercem o cuidado como forma de educação e socialização de seus filhos e filhas. Por outro lado, durante o processo de construção da pesquisa nos aproximamos da Associação das Prostitutas da Bahia (APROSBA) e posteriormente da Articulação Nacional de Profissionais do Sexo, região Norte/ Nordeste viabilizando outro olhar acerca da realidade das trabalhadoras sexuais, visto que de um lado tive a oportunidade de aprofundar o

olhar com as mulheres da *batalha* e de outro com as mulheres que se reconhecem como trabalhadoras sexuais.

3 PUTAS MÃES: SOBRE MATERNIDADE, SEGREDOS E FAMÍLIAS

As descobertas desta pesquisa tocam a vida de modo bem concreto. Descobrir a partir do diálogo com mulheres que exercem a prostituição o seu lugar enquanto mães, escutar as filhas e filhos destas mulheres como se formam e se educam neste processo, perceber ausências de alguns atores, como é caso de alguns pais, aponta que falar de maternidade, família/parentesco, segredos familiares, socialização, cuidado e educação a partir deste contexto significa ir além do já visto e tocado. É muito mais que dizer: elas são Putas Mães ou ainda: olha como a vida foi difícil e a partir daí “justificar” alguns posicionamentos.

Além do conceito central “cuidado”, dois outros conceitos foram fecundo na orientação interpretativa desta pesquisa: agenciamento e *relacionalidade* (CARSTEN, 2000). O primeiro apontou que a trajetória assumida e construída por cada grupo, mãe, filho, filha, pai, ainda que permeado por desafios e violações foi e é também trajetórias de enfrentamentos e superação. As escolhas cotidianas de cuidado, afeto, educação apontam saídas contínuas. Em diversas narrativas estiveram presentes relatos tais como: “eu não queria essa situação pra minha filha”, “eu não tive brinquedos, eu não tinha direitos e hoje eu quero que eles (filhos) tenham direito a brincar, direito a infância”. Estas falas não estavam relacionadas ao fato destas mulheres exercerem a prostituição como trabalho, mas a dimensões relacionadas a melhoria na qualidade de vida, o que de certa maneira acontece de modo geral. O desejo que os filhos e filhas possam ter uma vida “melhor” que a dos pais e mães é um desejo presente e evidente nas falas de todos interlocutores desta pesquisa.

A *relacionalidade* é outro conceito presente em toda a pesquisa, demarcando e apontando que falar de mãe é falar de filhas/os, é uma relação, uma situação de entroncamento, de idas e vindas, na medida em que mães se dizem, falam de si, de suas mães e de suas crias; do outro lado, na medida, quem que crias falam de si, falam também de suas mães e do desejo de suas futuras crias.

A discussão sobre família em rede, apresentada por Sarti (2003) coloca como primeira característica das famílias pobres a configuração em rede, uma ideia que contraria o entendimento da família como aquela que se constitui em um núcleo. A autora tenta desfazer o que ela denomina de certa confusão entre família e unidade doméstica, a casa. Por isso, busca fazer uma diferenciação entre casa e família, assim, em sua discussão e a partir das pesquisas realizadas aponta que no universo simbólico dos pobres, existe uma divisão complementar das autoridades entre homem e mulher na família, o que corresponde à diferenciação entre casa e família. De um lado, a casa é identificada com a mulher, e a família com o homem. Casa e família, portanto, assim como homem e mulher, se constituem um par complementar, e também hierárquico. O homem é considerado o chefe da família e a mulher, chefe da casa.

As mulheres desta pesquisa fazem parte de configurações familiares distintas, que têm se concretizado a partir da experiência familiar trazida por cada uma. Em algumas narrativas a figura masculina surge em um determinado tempo e depois tornam-se ausentes, oscilando quanto a isto. Em uma das narrativas foi possível visualizar, certa divisão de funções e papéis na unidade doméstica, na configuração apresentada por Sarti (2003).

Todas as interlocutoras deste estudos assumiram em algum momento de suas vidas este papel de mãe, - esposa-dona de casa. Em algumas situações, no momento em que

assumem a prostituição como trabalho este papel é deixado de lado e elas assumem o novo lugar como central em suas trajetórias. Nestes casos e/ou nestes momentos seus filhos e filhas ficam aos cuidados de outras pessoas: avós, pais, tias, amigas, irmãs. É interessante pontuar que em sua maioria a responsabilidade é delegada a outras figuras femininas da família, sendo que apenas em uma situação o cuidado ficou na responsabilidade do pai, entretanto, ainda assim, neste caso, este pai delegou tal responsabilização à outras figuras femininas.

A maternidade para estas mulheres é “parada obrigatória” e também solitária. As Putas Mães, aqui entendidas a partir da positivação do que seja Puta, ou seja, trabalhadoras sexuais que querem o reconhecimento de seu trabalho e de seu lugar nesta sociedade, trata-se do reconhecimento de que estas mulheres para além do trabalho sexual, trazem muitas questões e desafios enfrentados pelas mulheres de modo geral quando o assunto é maternidade. Elas têm construído suas famílias atravessadas ainda por alguns modelos heteronormativos presentes em nossa sociedade, mas também rompem com tais modelos na medida em que buscam tecer seus caminhos a partir dos vínculos construídos com seus filhos e filhas.

RESULTADOS DA PESQUISA

No presente estudo, algumas descobertas são apontadas como convite a se pensar e refletir sobre os processos educativos que emergem a partir das famílias de trabalhadoras sexuais conforme destacamos a seguir:

A. A maternidade é parada obrigatória!!!

A experiência da maternidade as coloca em diálogo com sua experiência enquanto mulher, com sua corporeidade, com sua raça, situação social e econômica. A experiência da maternidade as coloca diante do modo que querem e desejam que seus filhos e filhas se façam como pessoas no mundo e diante dos desafios a serem enfrentados. É uma experiência de dor e resistência, mas também uma experiência de autotransformação.

B. Família como lócus e lugar de afeto, tramas e cuidado

A família é o lugar onde se gestam as construções de relações de filiação, irmandade, maternidade, paternidade e outros modos de se relacionar. As narrativas têm apontado, neste estudo, que a família é entendida muito mais que “consanguinidade” e famílias são feitas de laços e afetos.

C. Aquilo ali é a realidade da vida

Neste ponto, a pesquisa nos aponta algo de extrema importância neste estudo: sobre quando as mães escondem ou não a realidade vivenciada na tentativa de apresentar aos seus filhos e filhas a realidade da vida.

D. Paternidade figurante

Neste estudo, a figura paterna é praticamente inexistente, pouca falada ou até mesmo negada. O cuidado dos filhos e filhas das prostitutas, interlocutoras desta pesquisa, tem sido assumido por elas mesmas e/ou outras figuras femininas da família. De modo geral, não se fala da figura paterna e quando se cita é para falar de sua ausência, abandono e em dois casos de negligência.

E. Roda colaborativa

A roda colaborativa, apontada pela experiência de compartilhamento de tarefas e responsabilidades das interlocutoras desta pesquisa e que se encontravam tanto na Praça da Sé quanto em outros contextos, nos revelam que esta é, sem dúvida, uma estratégia de cuidado, afeto e apoio.

F. A convivência educa

A *batalha* é uma trajetória. Tornar-se Puta e ser Puta são experiências negociadas e construídas, a batalha é o ponto comum nas trajetórias narradas e compartilhadas neste estudo. A batalha é o ponto de intersecção e toca diretamente a vida de mães e filhos. Neste processo, reconhecer-se Puta, reconhecer o trabalho sexual e admiti-lo na convivência com os filhos e filhas significa assumir-se como sujeito, como nos apresenta Paulo Freire.

CONCLUSÃO

Neste artigo pretendemos refletir sobre a educação a partir da imagem da roda de colaboração, uma imagem que emerge do campo e do contato com as interlocutoras destas pesquisas. A roda é o lugar circular, o lugar de encontros das mães trabalhadoras sexuais, que no cotidiano da batalha dividem e compartilham os afazeres e demandas do maternar e, sobretudo da tarefa de educar e socializar seus filhos e filhas. As trajetórias e narrativas apresentadas nos falam dos modos como estas mulheres construídos os processos formativos, de tornar-se sujeitos, de si mesmas e de seus filhos/as como lugar de experiência emancipadora. Na Praça da Sé, por exemplo, diversas vezes, durante a pesquisa fomos testemunhas da colaboração articulada entre estas mulheres. Tal colaboração se expressa na divisão das tarefas, na responsabilização pelo cuidado e no enfrentamento dos desafios cotidianos, principalmente de quem se encontra na rua.

REFERÊNCIAS

- AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. **O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde**. Saúde e Sociedade, v.13, n. 3, p.16029, set-dez 2004.
- BACELAR, Jeferson A. **A família da prostituta**. São Paulo: Ática, 1982.
- BERGER, Peter L.; BERGER, Brigitte. **Socialização: como ser membro de uma sociedade**. In: *Sociology – A Biographical Approach*, 2ed. Basic Books, Inc. Nova Iorque, 1975, p. 49-69. Tradução de Richard Paul Neto.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. 23 ed. Petropolis: Vozes, 2003. Tradução de Floriano de Souza Fernandes.
- BRAH, Avtar. **Diferença, diversidade, diferenciação**. Cadernos Pagu (26), janeiro-julho de 2006, p. 329-376.
- BUSTAMANTE, Vânia. **Cuidado infantil e construção social da pessoa: uma etnografia em um bairro popular de Salvador**. Tese de Doutorado em Saúde Coletiva. Programa de PÓS Graduação em Saúde Coletiva, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.
- CARSTEN, Janet. 2000. **Introduction: cultures of relatedness**. In: J. Carsten (ed.), **Cultures of relatedness: new approaches to the study of kinship**. Cambridge: Cambridge University Press. pp. 1-36.
- FONSECA, Claudia. “De afinidades a coalizões: uma reflexão sobre a „transpolinização”

entre gênero e parentesco em décadas recentes da antropologia”. *In*: Revista Ilha, vol.5, n.2. Florianópolis: UFSC, 2003. p 5-32.

COSTA, Livia Fialho; JACQUET, Christine. Família e opção religiosa: notas etnográficas sobre conversão de mulheres ao neopentecostalismo. *In*: JACQUET, Chritine; COSTA, Livia Fialho (Orgs). **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004, p.49-65.

COSTA, Livia Fialho. Notas sobre formas contemporâneas de vida familiar e seus impactos na educação dos filhos. *In*: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., orgs. **Educação e contemporaneidade**: pesquisas científicas e tecnológicas. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 356-371. ISBN 978-85-232-0872- 1. Available from SciELO Books.

DALBOSCO, Claudio Almir. **O cuidado como conceito articulador de uma nova relação entre filosofia e pedagogia**. Educação & Sociedade, vol.27, núm. 97, septiembre-diciembre, 2006, p. 1113-1135.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 13 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos Sonhos possíveis**. Série Paulo Freire; Ana Maria Araújo Freire (org). São Paulo: Editora UNESP, 2001.

GRIGOROWITSCHS, Tatiana. **O conceito “socialização” caiu em desuso?** Uma análise dos processos de socialização na infância com base em Georg Simmel e George H. Mead. Educação & Sociedade, v.29, n.102, 2008, p. 33-54.

JACQUET, Christine; DA COSTA FIALHO, Livia. As práticas educativas nas famílias recompostas: notas preliminares. **Sociedade e Cultura**, vol. 7, núm. 2, julho-dezembro, 2004, p.179-189. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, Brasil.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

OLIVAR, José Miguel Nieto. **O direito humano de ser puta: uma reflexão sobre direitos sexuais no universo da prostituição feminina em Porto Alegre**. Belo Horizonte: Teoria e Sociedade, jul/dez 2007, v.2, p. 108-137.

OLIVAR, José Miguel. Banquete de homens: sexualidade, parentesco e predação na prática da prostituição feminina [Sexo, Gênero e Família. **Pela vereda de uma prostituição beligerante**: região central de Porto Alegre, anos 80]. Trabalho apresentado no GT 36 - Sexualidade, corpo e gênero - 33ª reunião da ANPOCS. Caxambu, MG, 26 a 30 de outubro de 2009.

OLIVAR, José Miguel. **Devir puta**: políticas da prostituição de rua na experiência de quatro mulheres militantes. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.

PISCITELLI, Adriana. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. *In*: AGUIAR, Neuma (Org.). **Gênero e Ciências humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva de mulheres. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997, p. 49.66.

PISCITELLI, A. (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. **Sociedade E Cultura**, 11(2). Disponível em: <https://doi.org/10.5216/sec.v11i2.5247>. Acesso em: 05 de maio de 2019.

PISCITELLI, Adriana. Atravessando fronteiras: teorias pós coloniais e leituras antropológicas sobre feminismos, gênero e mercado do sexo no Brasil. *Contemporânea*, v.3, n.2, jul-dez 2013, p.377-404.

PINA CABRAL, João de; LIMA, **Antónia Pedroso de**. **Como fazer uma história da família: um exercício de contextualização social**. *Etnográfica*, vol. 9, núm. 2, 2005, p. 355-388.

SARTI, Cynthia Andersen. Algumas questões sobre família e políticas sociais. *In*: JACQUET, Chritine; COSTA, Livia Fialho (Orgs). **Família em mudança**. São Paulo: Companhia Ilimitada, 2004, p. 193-213.

SILVA, Fernanda Priscila Alves da. **Cuidado junto às mulheres em situação de prostituição: processos pedagógicos e transformação social**. São Bernardo do Campo, NhandutiEditora, 2012.

SOUSA, Fabiana Rodrigues. Ações educativas desenvolvidas por prostitutas organizadas: tecendo confiança e autonomia. *In*: Educação Popular. **Revista da FAEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v.24, n43, p.75-88, jan/jun.2015.

SOUSA, Fabiana Rodrigues. Educar-se em movimento: prostitutas militantes e a construção da autonomia. **Série-Estudos**, Campo Grande, MS, v.21, n.43, p.109-125, set./dez, 2016.